

A CONSTANTE VITÓRIA

No primeiro domingo de um mês de agosto, a égua venceu, de ponta a ponta, o grande prêmio. No centro de uma tarde enorme, de uma tarde em vibração azul e luminosa, todos lhe chamavam Tirolesa.

Quando as cintas do starter subiram
De um arco de músculos partiu uma flecha,
Um arremesso vivo de carne e sangue. Um dardo de
[nobreza-instinto,
Em diagonal cortando a luz da pista vespéral,
Passou na frente, estremecido e forte.
E a égua iniciou, valente e arrebatada,
A sua constante e corrida vitória,
Junto à cerca interna galopando.
Galopando a distância revestida de grama verde,
Galopando os segundos daquela hora da tarde.

E só, na solidão do extremo, do único e constante
Tudo de um súbito lhe pertenceu:
O chão, o céu, as nuvens, os morros distantes, o horizonte.
E aquele vento que, em forma de vento, moldava as suas crinas;
Aquele vento lhe trazia um perfume de flor. . .

Corria na frente, corria sempre constante na frente,
E em cada estaca da cerca um vencedor se oferecia
– Um vencedor interno para o seu ímpeto intato –
Mas era tudo silêncio; somente, distante e talvez, um rufar de
[tambores,
Uma exaustão longínqua de ondas chegando a uma extensão
[de praia,
Uns restos remotos de tempestade batida, em derrota.
Era um silêncio em pluma.
Um silêncio de seda, de gás adormecido, infiltrado,
Um silêncio exterior, envolvente, eventual, espontâneo.

Corria na frente, sempre corria constante na frente,
Na ponta de um ramo. E era a luz dos confins.
Um golfo macio de verduras antigas,
Uma lembrança que vinha e se formava fugindo,
Correndo na frente, uma lembrança fugindo em confins de
[campinas;

Uma flor isolada na ponta de um ramo.
Corria na frente, corria sempre, constante,
Como a certeza, o destino, a idéia fixa.
Como uma lei vigente e universal. . .
– As botas do jóquei batiam, marchavam os relógios
E os cascos pisavam, cunhavam segundos de ouro.

Na grande curva além o que era mais do que um sonho?
Tudo coisa esquecida, tudo história contada,
Tranqüila regressão de percorridos caminhos,
Uma sombra, um silêncio no adro da tarde,
Num pátio de igreja. Monotonia estelar,
Na grande curva gravitando segundo a lei das áreas;
Sombra de torre a crescer num pátio de igreja.

Já na entrada da reta, correndo toda a sua alegria,
Trazia nas patas a gravação da distância,
Nas patas trazia a paisagem correndo,
Na frente correndo a constante alegria.

Nos instantes finais – a égua atropelando os últimos galões –
Seu jóquei deixou cair na raia o boné: uma centelha,
Fazendo explodir o silêncio em sons emancipados
– Silêncio de gás infiltrado, envolvente –
E dos ares convulsos, contraídos e tensos
Um bando de pássaros voou desmoronado.
Então no vértice do cone dos tempos pisados, corridos,

Seu vulto avançou, ampliou-se em dimensões de mármore:
Duro, firme, para sempre transpondo o vencedor,
Em relevos de estátua movente.